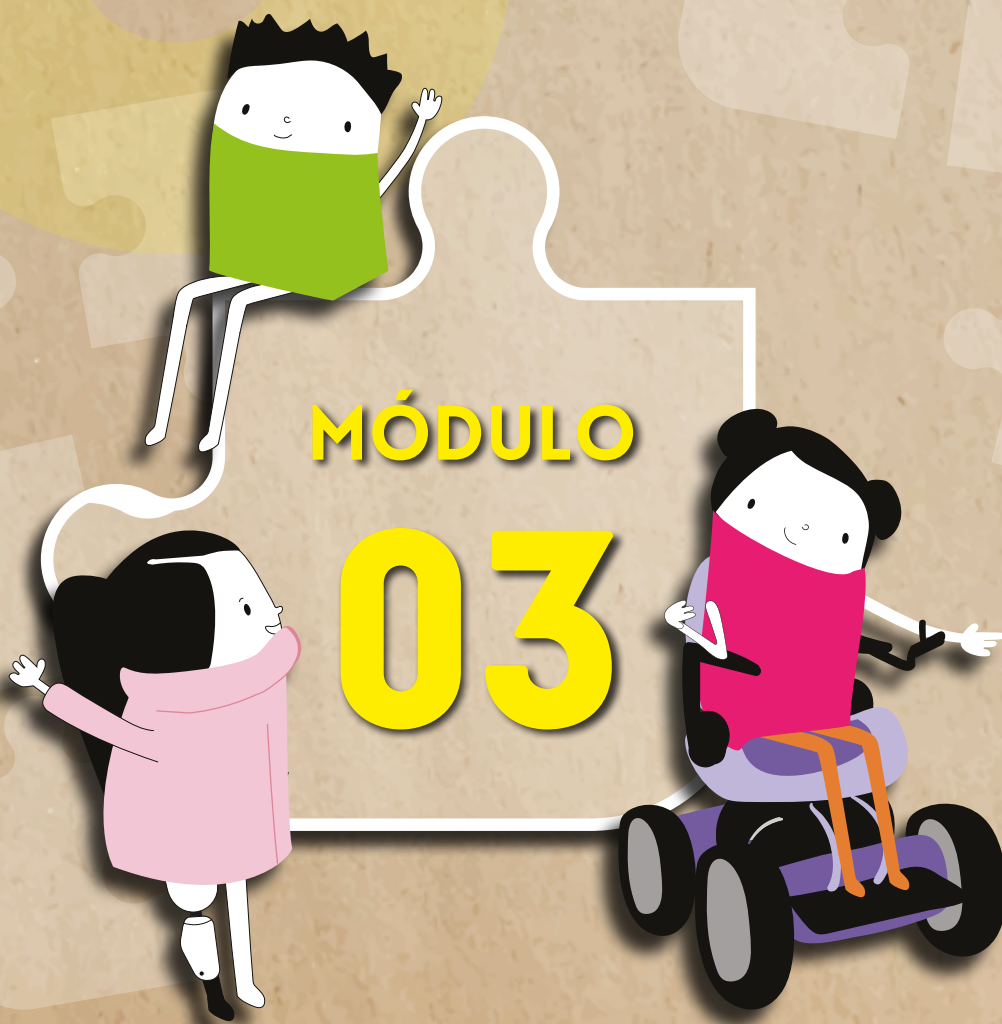


+ Educação Inclusiva:  
DA REFLEXÃO À AÇÃO

[ MANUAL DE BOAS PRÁTICAS ]

# UMA ESCOLA [ INCLUSIVA ]



## MÓDULO 3

<b>3. A ESCOLA INCLUSIVA</b>	<b>56</b>
<b>3.1. DIMENSÕES PARA UMA ESCOLA INCLUSIVA</b>	<b>58</b>
3.1.1. Construir o sentido de comunidade	58
3.1.2. Estabelecer valores inclusivos	60
3.1.3. Desenvolver a escola para todos	63
3.1.4. Organizar o apoio à diversidade	65
3.1.5. Organizar a aprendizagem	66
3.1.6. Mobilizar os recursos	68
<b>3.2. RECURSOS PARA UM ECOSISTEMA INCLUSIVO</b>	<b>70</b>
3.2.1. Abordagem multinível	70
3.2.2. Desenho universal para a aprendizagem	71
3.2.3. Centro de apoio à aprendizagem	75
3.2.4. Estruturas de apoio sistêmico	75
3.2.5. Comunidades de aprendizagem	76
<b>3.3. A PARCERIA ESTRATÉGICA: ESCOLA – COMUNIDADE – FAMÍLIAS</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO 1 - EXEMPLO DE DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO E VALORES INCLUSIVOS</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO 2 - RESULTADO DOS FOCUS GROUP</b>	<b>83</b>
<b>RECURSOS ADICIONAIS</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>87</b>





### 3. A ESCOLA INCLUSIVA

Quando falamos de inclusão, segundo a UNESCO (2005) é importante realçar:

A inclusão **está interessada** em:

- 👍 Aceitar a diversidade.
- 👍 Beneficiar todos os alunos e não apenas os excluídos.
- 👍 Admitir as crianças que se possam sentir excluídas.
- 👍 Promover igual acesso à educação ou tomar algumas medidas para certos grupos de crianças sem as excluir.

A inclusão **não está interessada** em:

- 👍 Reformar a educação especial, mas sim reformar tanto o sistema de educação formal como o não formal.
- 👍 Dar resposta apenas à diversidade, mas sim melhorar a qualidade da educação para todos.
- 👍 Criar escolas especiais, mas sim proporcionar apoios adicionais para os alunos do sistema educativo regular.
- 👍 Resolver apenas os problemas das crianças com condição de deficiência.
- 👍 Resolver os problemas de uma criança à custa de outra criança.



Segundo as *Orientações para a Inclusão – Garantindo o Acesso à Educação para Todos* (2005), uma viragem para a Educação Inclusiva é aquela que tenta seriamente promover a qualidade na sala de aula.

**Para se conseguir qualidade na educação são necessárias mudanças na Escola a vários níveis:**

**1. Centrar-se na flexibilidade e na variação**, tanto estruturalmente como a nível de conteúdos. Oferecer oportunidades para uma variedade de métodos de trabalho e de aprendizagem individualizada de forma a que nenhum aluno fique de parte.

**Como fazê-lo?** Dando prioridade às necessidades, interesses e capacidades individuais dos alunos.

*“A escola para Todos é, ... ,  
um local de aprendizagem coerente,  
mas diferenciado.”  
(UNESCO, 2005)*

**2. Olhar para as diferenças como oportunidades de aprendizagem:**

- Colocar o aluno no centro não significa que os alunos necessitem de ser ensinados separadamente para aprenderem os assuntos e os conteúdos escolares. Na organização da sala de aula podem ser feitas adaptações individuais.
- Além disso, os alunos podem apoiar-se uns aos outros de acordo com as suas capacidades e áreas fortes.
- A compreensão e atitudes dos professores são os veículos para a construção de uma sociedade inclusiva e participativa.

**3. A qualidade em educação ser considerada muito mais do que os resultados académicos dos alunos.** É vista como um sistema onde a diversidade e a flexibilidade sejam encaradas como importantes fatores para o desenvolvimento e crescimento pessoal de todos os alunos. Educação com qualidade implica a definição de estratégias para ultrapassar ou eliminar barreiras para uma completa participação dos indivíduos.

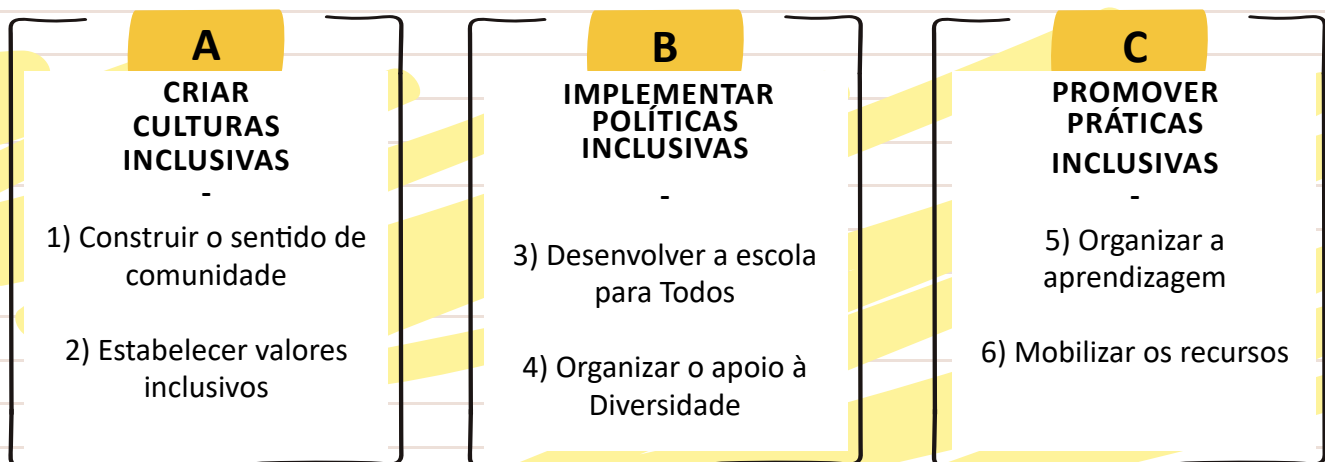


### 3.1. DIMENSÕES PARA UMA ESCOLA INCLUSIVA

Os processos de transição para a inclusão começam muitas vezes numa escala reduzida e implicam ultrapassar alguns obstáculos, tais como:

- Valores e atitudes já existentes.
- Falta de compreensão.
- Falta de conhecimentos necessários.
- Recursos limitados.
- Organização desadequada.

A inclusão envolve mudança. Trata-se de um processo contínuo de desenvolvimento da aprendizagem e da participação de todos os alunos. É um ideal a que todas as escolas podem aspirar, mas que nunca será plenamente atingido. Mas a inclusão ocorre logo que se inicia o processo de desenvolvimento da aprendizagem. Uma escola inclusiva é aquela que está em movimento, que se desenvolve nas seguintes dimensões:



#### 3.1.1. CONSTRUIR O SENTIDO DE COMUNIDADE

Os professores, pais, comunidades, autoridades escolares, orientadores curriculares, escolas de formação de educadores e empresários na área da educação são alguns dos atores que podem funcionar como recursos valiosos no apoio à inclusão. Alguns deles (professores, pais e comunidades) são muito mais do que um recurso valioso; eles são os elementos-chave para apoiar todos os aspetos do processo de inclusão. Isto implica o desejo de aceitar e promover a diversidade e tomar uma parte ativa na vida dos alunos, tanto dentro como fora da escola. O melhor local de aprendizagem para a inclusão depende largamente do relacionamento entre os professores, os pais, os outros alunos e a sociedade. Idealmente, a verdadeira inclusão deve ser implementada tanto na escola como na sociedade em geral.

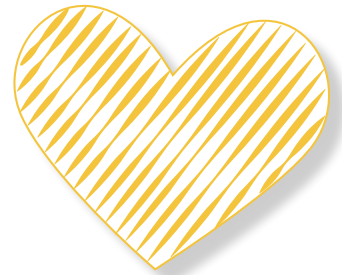
A discussão dos progressos e dificuldades de um aluno deveria envolver o aluno e os respetivos pais. Seja qual for o sucesso com que a criança é ensinada na escola, a participação da família, e nalguns casos da comunidade, é considerada indispensável se se pretende assegurar que aquilo que a criança aprende na escola é aplicado em casa e noutros locais onde decorre a sua vida diária.

Os membros da família e da comunidade podem ser recursos importantes – se informados, estimulados, responsabilizados e preparados de forma efetiva. Nunca serão desperdiçados os esforços para orientar e ajudar as famílias no trabalho necessário para apoiarem as suas crianças. Muitas vezes é um grande desafio conseguir a participação das famílias dos alunos mais marginalizados. (UNESCO, 2005)

Para se construir o sentido de comunidade, são definidos e medidos os seguintes indicadores:

- ♥ Todos são bem-vindos.
- ♥ Os funcionários cooperam.
- ♥ As crianças ajudam-se mutuamente.
- ♥ Funcionários e as crianças respeitam-se.
- ♥ Funcionários e pais/responsáveis colaboram.
- ♥ Funcionários e gestores trabalham juntos.
- ♥ A escola é um modelo de cidadania democrática.
- ♥ A escola encoraja a compreensão da conexão entre pessoas ao redor do mundo.
- ♥ Adultos e crianças são responsivos a uma variedade de modos de género.
- ♥ A escola e as comunidades locais desenvolvem-se mutuamente.
- ♥ Os funcionários relacionam o que acontece na escola com as vidas das crianças em casa.

Criar culturas inclusivas constitui a 1ª dimensão do Índice para a Inclusão (2002). Esta dimensão refere-se à criação de comunidades seguras, acolhedoras, colaborativas, estimulantes, em que todos são valorizados. Os valores inclusivos compartilhados são desenvolvidos e transmitidos a todos os professores, às crianças e suas famílias, gestores, comunidades circunvizinhas e todos os outros que trabalham na escola e com ela. Os valores inclusivos de cultura orientam decisões sobre as políticas e as práticas a cada momento, de modo a que o desenvolvimento seja coerente e contínuo. A incorporação de mudança dentro das culturas da escola potencia a sua integração nas identidades dos adultos e das crianças e a sua transmissão aos que estão chegando à escola. (CSIE, 2011)



### 3.1.2. ESTABELECEER VALORES INCLUSIVOS

Alguns estudos revelaram que as atitudes negativas de professores e adultos (pais e outros membros da família) são o maior obstáculo à inclusão; as crianças não têm preconceitos até que os adultos os mostrem. (...) Os valores partilhados tornam possível a cooperação da mesma maneira que a falta deles torna difícil o trabalho em conjunto. (...) A mudança de atitudes implica mudanças significativas nos conceitos e comportamentos. Entre outros fatores, esta é a razão pela qual é tão difícil conseguir a mudança. (UNESCO, 2005)



A inclusão é vista principalmente como a colocação em prática de valores inclusivos<sup>1</sup>. É um compromisso com determinados valores que explicam o desejo de superar a exclusão e promover a participação. Se não estiver vinculada a valores profundamente enraizados, então a tentativa de inclusão pode representar a simples adesão a uma moda qualquer ou atendimento a instruções de cima para baixo.

Os valores constituem guias e sugestões fundamentais para a ação. Eles nos fazem avançar, dão um senso de direção e definem um destino. Não podemos saber se estamos a fazer (ou já fizemos) a coisa certa sem compreender a relação entre as nossas ações e os nossos valores. Porque todas as ações que afetam os outros são sustentadas por valores. Cada uma destas ações torna-se um argumento moral, estejamos ou não conscientes disto. É uma forma de dizermos que “é a coisa certa a fazer”. Ao desenvolver um sistema de valores, declaramos como queremos conviver e educarmo-nos uns aos outros, agora e no futuro.

1 Ver Anexo 1 deste módulo.

Ser claros sobre a relação entre valores e ações é o passo mais prático que podemos dar na educação. Leva-nos a saber o que fazer em seguida e a entender as ações dos outros. Nas escolas, isto significa associar valores aos detalhes de currículos, atividades de ensino e aprendizagem, interações em salas de professores e pátios de recreio e relações entre todas as crianças e adultos, assim como famílias e entidades da comunidade.

Mas a montante, “precisamos sem dúvida de desafiar valores éticos que são incompatíveis com a Educação Inclusiva”, alguns dos valores da escola tradicional. (Rodrigues, 2018)

Ou temos a convicção de que:	...ou temos a ideia de que:
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os alunos são diversos e devem ser tratados como tal</li> <li>• A participação é um valor fundamental de cidadania para todos os atores na escola</li> <li>• A aprendizagem tradicional não é resposta para a acrescida diversidade dos alunos de hoje</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A homogeneidade consegue convencer que é mais eficaz</li> <li>• A participação é muito complicada e só atrasa a aprendizagem</li> <li>• É preciso que os alunos que querem aprender não sejam atrasados pelos que não querem aprender.</li> </ul>

Esta transição de valores deve ser alimentada pelo quotidiano. Precisamos que qualquer passo que se dê na mudança inclusiva da escola seja consolidado, tenha sustentabilidade, para que se torne património cultural da escola e não seja desprestigiada como uma experiência que "correu bem, mas acabou". (Rodrigues, 2018)

A 3ª Edição do Índice para a Inclusão inclui uma lista de valores resultante da discussão entre todos os países que haviam implementado e avaliado as orientações deste documento.

Todos os valores são necessários para o desenvolvimento educacional inclusivo, mas cinco – **igualdade, participação, comunidade, respeito pela diversidade e sustentabilidade** – são os que mais podem contribuir no estabelecimento de estruturas, procedimentos e atividades inclusivas na escola. Os direitos emanam da valorização da igualdade, e foram incluídos separadamente. Entretanto, é importante reconhecer que todos estes valores afetam estruturas, dizem respeito a relações e possuem um vínculo espiritual.



ESTRUTURAS	RELAÇÕES	ESPÍRITO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igualdade</li> <li>• Direitos</li> <li>• Participação</li> <li>• Comunidade</li> <li>• Sustentabilidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Respeito à diversidade</li> <li>• Não violência</li> <li>• Confiança</li> <li>• Compaixão</li> <li>• Honestidade</li> <li>• Coragem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alegria</li> <li>• Amor</li> <li>• Esperança/optimismo</li> <li>• Beleza</li> </ul>

Fonte: *Index para a Inclusão desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas*  
3ª Edição (Edição brasileira, 2012)

À medida que as pessoas refletem juntas sobre os valores que sustentam as suas ações e as dos outros e as que gostariam de adotar mais constantemente, elas desenvolvem a alfabetização em valores. Isto depende da compreensão profunda e do compromisso com o que os títulos de valores significam, e como eles podem influenciar a ação. Ajudar nós mesmos, os outros adultos e as crianças a analisar os valores que estão na base das ações exige que desenvolvamos poderes de reflexão.

Um sistema de valores negociado pode resultar do diálogo com os professores, as crianças, as famílias e os gestores escolares. Pode ser expresso e comunicado com simples declarações, como a que apresentamos no **Anexo 1 do presente Módulo**.

Para que uma escola estabeleça valores inclusivos, esta deve ter como metas (CSIE, 2002):

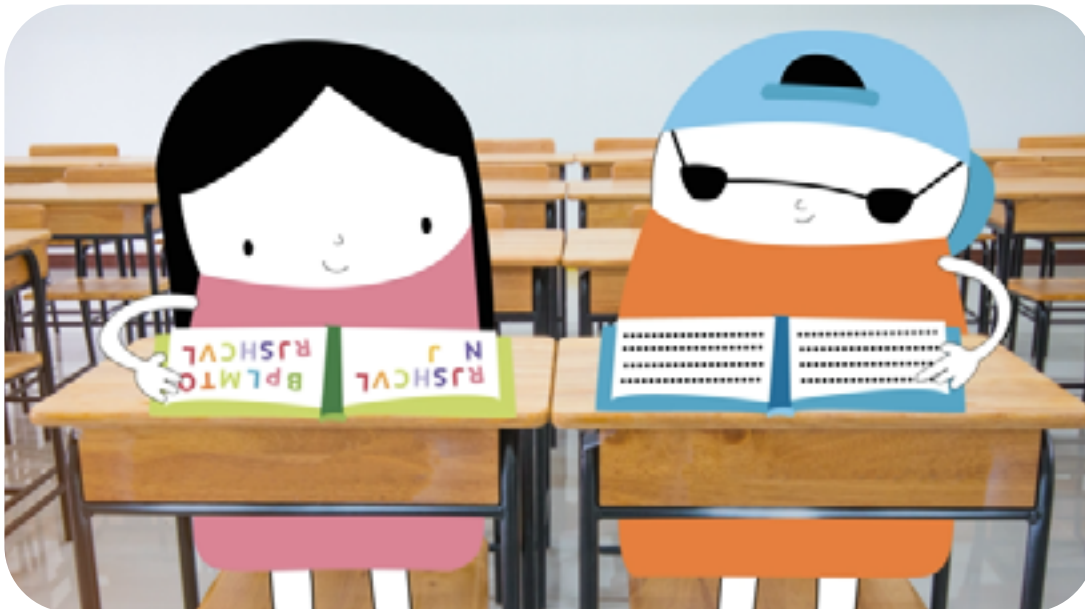
- ✓ Desenvolver valores inclusivos que são compartilhados.
- ✓ Encorajar o respeito a todos os direitos humanos.
- ✓ Encorajar o respeito à integridade do planeta Terra.
- ✓ Entender a Inclusão como a ampliação da participação de todos.
- ✓ Ter altas expectativas para todas as crianças.
- ✓ Valorizar todas as crianças de igual forma.
- ✓ Combater todas as formas de discriminação.
- ✓ Promover interações não violentas e resolução de problemas.
- ✓ Encorajar crianças e adultos a sentirem-se bem a respeito de si mesmos.
- ✓ Contribuir para a saúde das crianças e dos adultos.



**Importa ainda refletir “como influenciar a mudança de valores e de práticas para que uma escola tradicional, para alguns, se torne uma instituição equitativa, receptiva e positiva para todos?”**

Para esta alteração, discute-se os modelos de intervenção *top down* ou *bottom up*. Os modelos *de cima para baixo* procuram investir na criação de uma nova ética, de novas atitudes, de novas representações sobre a escola, os alunos, a mulher, os atores e o conhecimento. Os modelos *de baixo para cima* advogam que são mudanças no quotidiano, na avaliação, no currículo, nas estratégias, na relação que melhor contribuirá para esta mudança.” Sem dúvida que, esta transição de valores deve ser alimentada pelo quotidiano, em cada sala de aula. (Rodrigues, 2018)

### 3.1.3. DESENVOLVER A ESCOLA PARA TODOS



A vantagem da inclusão relativamente à educação especial tem sido demonstrada a vários níveis. Estudos feitos, quer por países da OCDE quer fora da OCDE, indicam que os alunos com condição de deficiências conseguem melhores resultados escolares em locais inclusivos. A Educação Inclusiva também dá oportunidades para criar comunidade, reciprocidade e aumento de confiança.

As escolas especiais tendem a perpetuar a segregação das pessoas com deficiência, embora, para alunos com alguns tipos de incapacidades, possa ser mais apropriado o encaminhamento para escolas especiais de elevada qualidade do que a “inclusão” numa escola do ensino regular que não garanta uma significativa interação entre alunos e profissionais.

Outra opção é conciliar os dois sistemas, o inclusivo e o especializado, num “caminho geminado” no qual os pais e os alunos decidem se, inicialmente, querem optar por uma escola regular inclusiva ou por uma escola especial, ficando a Educação Inclusiva apenas como última solução. (Nordstrom, & Magrab, cit in UNESCO, 2005)

A inclusão propriamente dita empenha-se principalmente em reformar as escolas e em assegurar que todas as crianças recebam uma educação adequada e de qualidade dentro dessas escolas. É necessário que a Inclusão seja a filosofia fundamental através dos vários programas para que a meta da “Educação para Todos” seja atingida (UNESCO, 2005).

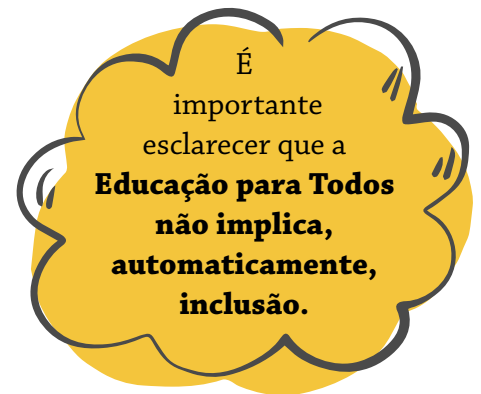
A fundamental transformação social, que constitui a base para uma mudança na Escola, requer autoformação. O currículo pode constituir um instrumento para fomentar a tolerância e promover os direitos humanos. É o meio através do qual são transmitidos às crianças o respeito pela dignidade das pessoas e a consciência das responsabilidades enquanto cidadãos nacionais e globais. Este conhecimento pode ser uma ferramenta poderosa para ultrapassar as diferenças culturais, religiosas e outras e trazer vantagens para professores, alunos e restantes membros da sociedade.

#### Numa escola para todos (CSIE, 2002):

- A contratação e a promoção dos profissionais são feitas de forma transparente e justa.
- Os novos profissionais recebem ajuda para se adaptar à escola.
- A escola procura admitir todos os alunos da sua localidade.
- A escola procura ter o seu espaço físico acessível a todos.
- Todos os novos alunos são ajudados a integrar-se na escola.
- A escola organiza as turmas de forma a dar oportunidade a todos os alunos.

Segundo Rodrigues (2018), a transição para escolas efetivamente inclusivas precisa que:

- 👍 A Escola se organize para "ver" as sementes de inclusão que por vezes despontam e não são valorizadas nem disseminadas. É preciso "regá-las".
- 👍 O trabalho e reflexão Pedagógica nas escolas sejam reforçados.
- 👍 Os professores se tornem estudantes do seu ensino.
- 👍 Toda a comunidade seja incentivada a pôr em prática aquilo que considera que está certo e se deve fazer a bem dos alunos.



### 3.1.4. ORGANIZAR O APOIO À DIVERSIDADE

Muitos currículos desejam que todos os alunos aprendam as mesmas coisas, ao mesmo tempo e utilizando os mesmos meios e métodos. Mas os alunos são diferentes e têm capacidades e dificuldades diversas. Por isso, o currículo deve ter em consideração as várias necessidades dos alunos de forma a garantir “sucesso para todos”. Algumas das estratégias possíveis são:

- Dar uma margem de tempo flexível para os alunos estudarem determinados assuntos
- Dar maior liberdade aos professores para escolherem os seus métodos de trabalho
- Proporcionar aos professores a oportunidade de dar apoio especial em disciplinas práticas (por exemplo orientação e mobilidade) além dos períodos reservados para as disciplinas mais tradicionais
- Reservar tempo para apoio adicional ao trabalho da sala de aula
- Dar ênfase aos aspetos ligados ao treino pré-vocacional.

Além disso, podem ainda ser dados alguns passos para **tornar os currículos mais inclusivos**. Nesse sentido, devem considerar-se as seguintes questões:

- Que valores humanos estão a ser desenvolvidos através do currículo, promovendo a inclusão?
- Os direitos humanos e os direitos das crianças fazem parte do currículo? Referem-se à coexistência de direitos e responsabilidades, e como são ensinados?
- Os conteúdos do currículo são importantes para a vida e para o futuro das crianças?
- O currículo tem em consideração o género, a identidade cultural e a língua mãe das crianças?
- O currículo inclui educação ambiental?
- Os métodos de ensino são centrados nas crianças e interativos?
- Como é que os resultados são registados/integrados na revisão do currículo?
- De que forma é que o currículo se relaciona com os sistemas de avaliação nacional?
- Até que ponto as autoridades da educação se responsabilizam pela verificação da sintonia entre a escola e as revisões e negociações curriculares?

Conjuntamente com os currículos flexíveis, deveriam ser adotadas metodologias de ensino/aprendizagem também flexíveis.





**Organizar o apoio à diversidade pressupõe que (CSIE, 2002):**

- 👍 Todas as formas de apoio são coordenadas
- 👍 As ações de formação dos profissionais contribuem para responder à diversidade dos alunos
- 👍 As políticas relativas às “necessidades educativas especiais” são clara e objetivamente políticas de inclusão
- 👍 Os dispositivos normativos e de orientação técnico-pedagógica existentes são usados no sentido de reduzir as barreiras à participação e à aprendizagem de todos os alunos.
- 👍 O apoio para aqueles que têm a língua nativa como uma segunda língua está coordenado com o apoio à aprendizagem
- 👍 Existe articulação entre as políticas adotadas para lidar com questões comportamentais e de aconselhamento e as políticas de desenvolvimento curricular e de apoio à aprendizagem
- 👍 A escola adota políticas eficazes de minimização da exclusão de alunos por motivos disciplinares
- 👍 As barreiras que impedem a frequência escolar são reduzidas
- 👍 O *bullying* é desencorajado.

**3.1.5. ORGANIZAR A APRENDIZAGEM**

**Olhar para a educação através de uma lente de inclusão implica deixar de ver a criança como um problema para passar a ver o sistema educativo como um problema.** As opiniões iniciais que enfatizavam que a fonte de dificuldades da aprendizagem estava no aluno, ignoravam a influência do meio ambiente nessa mesma aprendizagem. Agora é fortemente sustentado que a reorganização das escolas regulares na comunidade, através do desenvolvimento da escola e com incidência na qualidade, garante que todas as crianças possam realmente aprender, mesmo as que estão sinalizadas como tendo necessidades específicas.

**Que implicações têm os valores inclusivos sobre formas e conteúdos do que aprendemos e ensinamos?**

*Se os valores têm a ver com como devemos viver juntos, então o currículo tem a ver com o que devemos aprender para viver bem. Depois que as últimas edições do Index foram publicadas, algumas vezes nós atribuímos a ele o estabelecimento das implicações de valores inclusivos para todos os aspetos da escola, seja nas salas de professores, nas salas de aula, nos pátios de recreio, nas relações entre todas as crianças e adultos ou na forma como ensinamos e aprendemos. Mas agora percebemos que havia uma grande lacuna. Não tínhamos conseguido especificar as implicações de nossa estrutura de valores para o conteúdo de atividades de aprendizagem e ensino (...)*

*As escolas podem ser concebidas como contribuidoras na educação das comunidades, em vez de monopolizadoras. Pode-se compreender que as salas de aula, bem como suas quatro paredes, abarcam o mundo. Se estes forem os nossos conceitos, então o currículo serve para a educação de comunidades, de todos nós, e não somente das crianças. Ele pode expressar como nós, adultos e crianças, queremos estruturar nossa aprendizagem e conhecimento sobre o mundo, e, portanto, não estamos confinados a escolas ou anos letivos. (CSIE, 2011)*

**Enriquecer a aprendizagem com práticas inclusivas significa ligar a aprendizagem à experiência, local e globalmente, bem como a Direitos e incorporar assuntos de sustentabilidade.** A aprendizagem é orquestrada de modo a que o ensino e as atividades de aprendizagem se tornem responsivos à diversidade de jovens na escola. As crianças são encorajadas a ser ativas, reflexivas, aprendizes críticas e são vistas como um recurso para a aprendizagem umas das outras. Os adultos trabalham juntos de modo que todos assumem responsabilidade pela aprendizagem de todas as crianças.



O Índice para a Inclusão (2002), embora tenha sido produzido para escolas inglesas, tem sido adaptado para uso em muitos outros países e traduzido para mais de trinta e sete línguas e encoraja as pessoas a refletirem sobre a relação entre ensino e aprendizagem. Com a devida atenção à experiência de aprendizagem das crianças, é possível aproximar mais o que se ensina do que se aprende.

Numa perspetiva inclusiva, se as atividades de aprendizagem forem destinadas a dar suporte à participação de Todas as crianças, a necessidade de suporte individual diminui. O suporte é provido quando os professores planeiam as aulas com todas as crianças em mente, reconhecendo os seus diferentes pontos de partida, interesses, experiência e abordagens à aprendizagem. O suporte à aprendizagem também é administrado quando as crianças se ajudam umas às outras.

### Segundo CSIE (2002), a aprendizagem é inclusiva quando:

- ☑ O ensino é planeado atendendo à aprendizagem de todos os alunos
- ☑ Nas aulas é encorajada a participação de todos os alunos
- ☑ As atividades de aprendizagem promovem a compreensão da diferença
- ☑ Os alunos são ativamente implicados na sua própria aprendizagem
- ☑ Os alunos aprendem colaborando uns com os outros
- ☑ A avaliação tem como preocupação a aprendizagem com sucesso de todos os alunos
- ☑ A disciplina na sala de aula tem por base o respeito mútuo
- ☑ Os professores planeiam, ensinam e avaliam de forma colaborativa
- ☑ Os professores de apoio são co-responsáveis na aprendizagem e na participação de todos os alunos
- ☑ Os “trabalhos para casa” contribuem para o processo de aprendizagem de todos os alunos
- ☑ Todos os alunos participam nas atividades realizadas fora da sala de aula

### 3.1.6. MOBILIZAR OS RECURSOS

**Mobilizar recursos envolve reduzir barreiras à aprendizagem e à participação.** Quando os valores são deixados claros e compartilhados pelas comunidades da escola, isto torna-se um grande recurso. Cria uma direção comum para o desenvolvimento, molda decisões e ajuda a resolver conflitos. Os valores inclusivos são, assim, constantes catalisadores do aumento da participação na aprendizagem e na vida mais ampla da escola.

**Há sempre** mais recursos de apoio à aprendizagem e à participação do que são realmente utilizados. Existe uma riqueza de conhecimento na escola sobre o que impede a aprendizagem e a participação das crianças. Um dos principais propósitos do Índice para a Inclusão (2002) é ajudar escolas a explorar este conhecimento. **A ideia de que a diversidade pode ser um recurso para a aprendizagem é transversal e evoca a colaboração entre todas as crianças e adultos.** Espera-se que os novos currículos se relacionem intimamente com a vida das crianças, das pessoas e das suas comunidades, que os ambientes humanos e físicos se tornem recursos para o currículo.

Há alguns **INDICADORES** que podem revelar se o sistema educativo de uma determinada escola está no caminho certo para evoluir para a inclusão.

O Centro de Estudos sobre Educação Inclusiva dirigiu e aperfeiçoou o referido Índice (CSIE, 2002) e tomou como ponto de partida o modelo social da deficiência, baseia-se numa boa prática e orienta o trabalho em volta de um ciclo de atividades que guiam as escolas através de fases de reparação, investigação, desenvolvimento e avaliação:

- Os alunos são chamados a tomar parte em todos os assuntos e atividades.
- O ensino e aprendizagem são planificados tendo em mente todos os alunos.
- O currículo fomenta a compreensão e o respeito pelas diferenças.
- Durante as aulas todos os alunos participam.
- Recorre-se a uma grande variedade de formas de ensino e estratégias.
- Os alunos sentem que têm sucesso na aprendizagem.
- O currículo procura desenvolver a compreensão das diferentes culturas.
- Os alunos tomam parte nos sistemas de avaliação e acreditação.
- As dificuldades de aprendizagem são vistas como oportunidades para o desenvolvimento da prática.

Na formação online **+Educação Inclusiva – Da Reflexão à Ação**, convidamo-lo(a) neste módulo, a seguir alguns dos exercícios propostos pelo Índice para consolidar a teoria e passar à prática na sua escola.

Caso pretenda aprimorar as suas competências sobre como pode tornar a sua escola ainda mais inclusiva convidamo-lo(a) a consultar os questionários anexos ao Índice para a Inclusão (2002) traduzido no seu país (ou na sua língua) com o intuito de avaliar os vários indicadores num só documento. De salientar que existem questionários específicos para alunos e para encarregados de educação, pelo que também poderá recorrer a estes instrumentos para estender esta análise à sua comunidade educativa.





## 3.2. RECURSOS PARA UM ECOSISTEMA INCLUSIVO

A existência de diferentes conceptualizações sobre a inclusão implica, quando perspetivamos a Educação Inclusiva, considerar as três dimensões que a mesma incorpora:

- A dimensão ética, referente aos princípios e valores que se encontram na sua génese.
- A dimensão relativa à implementação de medidas de política educativa que promovam e enquadrem a ação das escolas e das suas comunidades educativas.
- A dimensão respeitante às práticas educativas.

Nesta secção do Manual de Boas Práticas pretende-se introduzir algumas destas práticas educativas. Estas abordagens que se apresentam são uma súpula de instrumentos que devem ser considerados de forma integrada, articulada e flexível, constituindo-se como guias de apoio à ação das escolas na operacionalização do diploma ao nível da comunidade, da escola e da sala de aula. Tratam-se de instrumentos de operacionalização da Educação Inclusiva, alguns deles adotados como exigência legal nas políticas educativas de alguns países como Portugal.

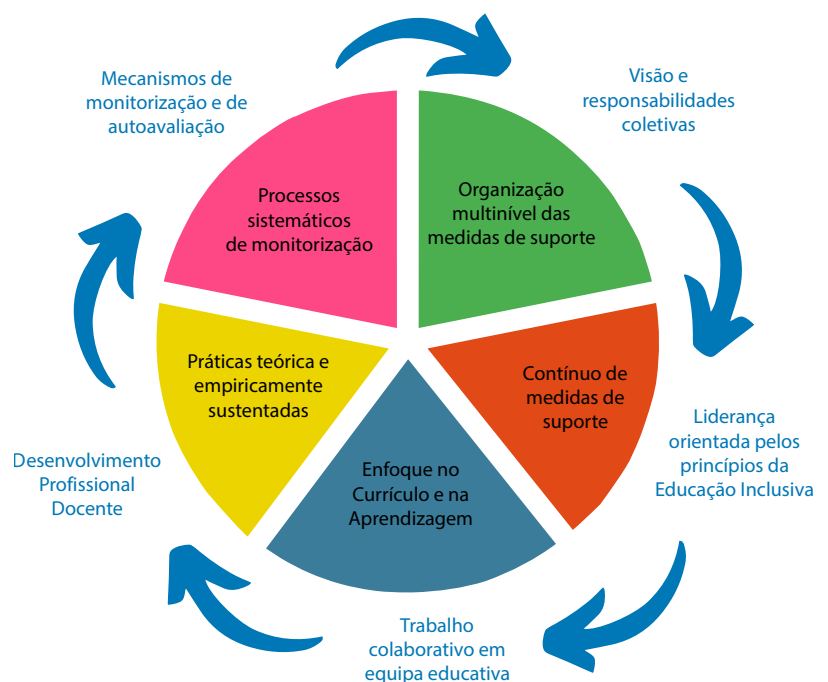
### 3.2.1. ABORDAGEM MULTINÍVEL

A abordagem multinível, entendida como um modelo compreensivo de ação, de âmbito educativo ao nível da escola, orienta-se para o sucesso de todos e de cada um dos alunos através da **organização de um conjunto integrado de medidas de suporte à aprendizagem**. Esta abordagem é designada por multinível em referência ao modo como é realizada a organização das medidas de suporte à aprendizagem por níveis de intervenção.

Trata-se de um modelo de atuação da escola, com ações e impactos esperados nos diferentes intervenientes, nos diferentes espaços e nos diferentes níveis de organização e funcionamento. Com efeito, pode afirmar-se que a abordagem multinível configura um modelo de ação de todos e para todos.

Os princípios subjacentes à abordagem multinível são os seguintes:

- Uma visão compreensiva, holística e integrada
- Uma atuação proativa e preventiva
- Uma orientação para a qualidade e eficácia dos processos
- Uma estruturação dos processos de tomada de decisão em função dos dados.



Na Abordagem Multinível “adota-se uma visão compreensiva, de base sistémica, que reconhece a complexidade, multiplicidade e interconectividade de fenómenos educativos como a aprendizagem e o comportamento. Deste modo, contempla simultaneamente, de forma integrada e articulada, dimensões individuais e contextuais, ou seja, do aluno e dos contextos educativos.” (DGE, 2018).

### 3.2.2. DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM

O Desenho Universal para a Aprendizagem responde à necessidade de organização de medidas universais orientadas para todos os alunos. Define-se como **um modelo estruturante e orientador na construção de ambientes de aprendizagem acessíveis e efetivos para todos os alunos** e constitui uma ferramenta essencial no planeamento e ação em sala de aula.

- Trata-se de uma abordagem curricular que assenta num planeamento intencional, proativo e flexível das práticas pedagógicas, considerando a diversidade de alunos em sala de aula.
- Reconhece que a forma como cada aluno aprende é única e singular.
- Tem por base práticas pedagógicas que oferecem oportunidades e alternativas acessíveis para todos os alunos em termos de métodos, materiais, ferramentas, suporte e formas de avaliação, sem alterar o nível de desafio e mantendo elevadas expectativas de aprendizagem.
- Implica uma abordagem flexível e personalizada por parte dos docentes:
  - ♥ Na forma como se envolvem e motivam os alunos nas situações de aprendizagem.
  - ♥ No modo como apresentam a informação.
  - ♥ Na forma como avaliam os alunos, permitindo que as competências e os conhecimentos adquiridos possam ser manifestados de maneira diversa.

O Desenho Universal para a Aprendizagem assenta em **três princípios base**, que suportam um conjunto de orientações para tornar as salas de aula mais acessíveis a todos os alunos:

1. Proporcionar múltiplos meios de envolvimento.
2. Proporcionar múltiplos meios de representação.
3. Proporcionar múltiplos meios de ação e expressão (DGE, 2018).

Seguidamente apresentam-se as linhas orientadoras de cada princípio, de acordo com o Manual de Apoio à Prática – Para uma Educação Inclusiva (DGE, 2018).



**DUA**

-  
Desenho  
Universal para a  
Aprendizagem

## PRINCÍPIO 1.

### Proporcionar múltiplos meios de envolvimento

(“o porquê” da aprendizagem)

Incentivar o interesse	Suporte ao Esforço e Persistência	Autorregulação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilizar opções quanto ao modo como cada objetivo pode ser atingido.</li> <li>• Assim como, ferramentas, contextos de aprendizagem, apoio e tempo para terminar as tarefas.</li> <li>• Permitir a participação dos alunos na planificação das atividades.</li> <li>• Planificar atividades em que os produtos sejam autênticos, comuniquem com um público real com metas claras.</li> <li>• Envolver os alunos na definição dos seus objetivos de aprendizagem e de comportamento.</li> <li>• Proporcionar tarefas que permitam uma participação ativa, exploração e experimentação.</li> <li>• Proporcionar um clima de aceitação e apoio em sala de aula.</li> <li>• Utilizar estratégias de antecipação das atividades diárias, rotinas e transições de ações (cartazes, calendários, horários, cronómetros visíveis).</li> <li>• Variar o nível de estimulação sensorial, o ritmo de trabalho, o tempo e a sequência de atividades.</li> <li>• Usar alertas que possam ajudar os alunos a antecipar e a prepararem-se para tarefas novas.</li> <li>• Diversificar as atividades e fontes de informação de modo a que possam ser personalizadas e contextualizadas atendendo ao percurso individual dos alunos, culturalmente relevantes, socialmente significativas, adequadas à idade e às competências dos alunos.</li> <li>• Incluir atividades que promovam o uso da imaginação para resolver problemas novos e relevantes ou dar sentido a ideias complexas de forma criativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Facultar lembretes periódicos, recordando as metas a atingir.</li> <li>• Estabelecer objetivos a curto prazo que permitam alcançar metas a longo prazo.</li> <li>• Diferenciar o grau de complexidade e dificuldade das tarefas.</li> <li>• Promover o envolvimento dos alunos na discussão sobre a avaliação.</li> <li>• Variar o grau de liberdade ao nível dos desempenhos considerados aceitáveis.</li> <li>• Enfatizar o processo, os esforços e os progressos no cumprimento dos conteúdos exigidos como alternativa à avaliação e à competição.</li> <li>• Incentivar e apoiar oportunidades de interação e de interajuda entre pares</li> <li>• Recorrer a grupos de trabalho flexíveis e de aprendizagem cooperativa, com objetivos, papéis e responsabilidades bem definidas.</li> <li>• Criar comunidades de alunos envolvidos em interesses e atividades comuns.</li> <li>• Explicitar resultados pretendidos com o trabalho realizado em grupo (orientações, normas, critérios de avaliação claros e explícitos).</li> <li>• Facultar feedback orientado para a mestria com enfoque no esforço e na persistência em vez de capacidades inatas.</li> <li>• Facultar feedback informativo em detrimento de feedback comparativo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilizar tutores que modelem o processo de estabelecimento de metas adequadas, considerando pontos fortes a melhorar.</li> <li>• Apresentar instruções, lembretes e guias que permitam estabelecer objetivos de autorregulação, o aumento do tempo de orientação para as tarefas face a distrações, o aumento da frequência de momentos de autorreflexão e autorreforço.</li> <li>• Apoiar iniciativas que promovam a autorreflexão e a identificação de metas pessoais.</li> <li>• Disponibilizar modelos diferenciados, suporte e feedback para a gestão da frustração, o desenvolvimento do autocontrolo e promoção de competências ao nível da gestão de desafios, gestão de julgamentos negativos focados em capacidades inatas.</li> <li>• Usar situações reais para demonstrar competências ao nível da gestão de desafios e dificuldades.</li> <li>• Criar oportunidades de visualização do progresso que permitam a monitorização das mudanças ao longo do tempo.</li> </ul>

## PRINCÍPIO 2.

### Proporcionar múltiplos meios de representação

(“o quê” da aprendizagem)

A Percepção	A linguagem, expressões matemáticas e símbolos	A Compreensão
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar a informação em diferentes modalidades sensoriais (visual, auditiva, táctil, cinestésica).</li> <li>• Disponibilizar alternativas visuais e não visuais de apresentação da informação.</li> <li>• Apresentar a informação em formatos adaptáveis (ampliar tamanho de letra, amplificar o som).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associação de vocabulário, rótulos, ícones e símbolos e formas de representação alternativas.</li> </ul> <p><i>Exemplos: ensino prévio do vocabulário e símbolos; recurso a hiperligações, notas de rodapé, ilustrações de apoio à compreensão do vocabulário presente em textos.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Providenciar representações alternativas que clarifiquem ou tornem mais explícitas as relações sintáticas ou estruturais entre os vários elementos de significação. <i>Exemplos: Destacar os conectores e frases, indicar as ligações entre as ideias num mapa concetual.</i></li> <li>• Apoiar a decodificação de textos, notação matemática e símbolos. <i>Exemplos: Utilizar ferramentas de tradução, incorporar apoios visuais para clarificação de vocabulário.</i></li> <li>• Apresentar alternativas como ilustrações, imagens, gráficos interativos para tornar a informação mais compreensível.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ancorar a instrução em conhecimento prévio e culturalmente relevante.</li> <li>• Utilizar diferentes formas de organização da informação.</li> <li>• Fomentar conexões entre as várias áreas curriculares.</li> <li>• Destacar padrões, pontos críticos, ideias chave e conexões, através de pistas e suporte que permitam aos alunos prestarem atenção a informação essencial em detrimento de acessória. <i>Exemplos: Esquemas, Mapas concetuais, usar múltiplos exemplos para enfatizar aspetos relevantes.</i></li> <li>• Proporcionar situações explícitas e apoiadas para generalização das aprendizagens em situações novas e práticas.</li> <li>• Orientar o processamento da informação, a visualização e a manipulação. <i>Exemplos: Apresentar a informação de forma progressiva e sequencial, seccionar a informação em elementos mais pequenos, eliminar informação acessória.</i></li> </ul>



### PRINCÍPIO 3.

#### Proporcionar múltiplos meios de ação e de expressão

(“o como” da aprendizagem)

Atividade física	Expressão e Comunicação	Funções Executivas
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilizar alternativas à capacidade motora de resposta. Exemplos: Alternativas para o uso de caneta e/ou lápis, alternativas para controlar o rato.</li> <li>• Fornecer alternativas ao nível do ritmo, velocidade e extensão da ação motora.</li> <li>• Otimizar o acesso a ferramentas e produtos de apoio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Usar diferentes suportes para a comunicação. <i>Exemplos: linguagem escrita; linguagem oral; desenho; música; artes visuais; etc.</i></li> <li>• Recorrer a redes sociais e a ferramentas interativas da Web (<i>fóruns, chats, etc</i>).</li> <li>• Utilizar materiais manipuláveis.</li> <li>• Utilizar ferramentas de conversão de material escrito em linguagem oral (e vice-versa), corretores ortográficos e gramaticais, calculadoras.</li> <li>• Utilizar aplicações da Web (<i>Wikis, blogs, animação e apresentação</i>).</li> <li>• Disponibilizar modelos diferenciados como referência para os alunos.</li> <li>• Facultar feedback diferenciado e personalizado.</li> <li>• Proporcionar múltiplos exemplos com soluções inovadoras para problemas reais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disponibilizar suporte para o estabelecimento de metas desafiantes e realistas, considerando o esforço, recursos e grau de dificuldade associados.</li> <li>• Disponibilizar guias e listas de verificação para suporte ao estabelecimento de metas.</li> <li>• Integrar lembretes de apoio à planificação e desenvolvimento de estratégias. <i>Exemplos: "parar e pensar" antes de agir; mostrar e explicar o trabalho; pensar em voz alta.</i></li> <li>• Disponibilizar suporte à fragmentação de objetivos a longo prazo em objetivos alcançáveis a curto prazo.</li> <li>• Disponibilizar listas de verificação e modelos de planificação de um projeto, com vista à compreensão do problema, estabelecendo prioridades, sequenciação e calendarização das tarefas.</li> <li>• Facultar feedback explícito, específico e atempado que sirva de suporte à autorregulação da aprendizagem <i>Exemplos: Recorrer a perguntas orientadoras da reflexão, mostrar evidências do progresso, recorrer a estratégias diferenciadas de autoavaliação e coavaliação.</i></li> </ul>

“A aplicação em sala de aula dos três princípios enunciados contribui para a criação de ambientes de aprendizagem acessíveis e desafiantes para todos os alunos, pelo que devem ser considerados na planificação das aulas.” (DGE, 2018)

### 3.3.3. CENTRO DE APOIO À APRENDIZAGEM

O Centro de Apoio à Aprendizagem constitui **uma estrutura de apoio da escola, agregadora dos recursos humanos e materiais, dos saberes e competências da escola**, que tem como objetivos:

- Apoiar a inclusão das crianças e jovens no grupo/turma e nas rotinas e atividades da escola, designadamente através da diversificação de estratégias de acesso ao currículo
- Promover e apoiar o acesso à formação, ao ensino superior e à integração na vida pós-escolar
- Promover e apoiar o acesso ao lazer, à participação social e à vida autónoma.



Em Portugal, funciona numa lógica de serviços de apoio à inclusão, e insere-se no *continuum* de respostas educativas disponibilizadas pela escola. Foi criado um por cada agrupamento de escolas, como parte integrante do quadro de autonomia das escolas.

“A ação deste centro organiza-se segundo dois eixos:

1. Suporte aos docentes responsáveis pelos grupos ou turmas
2. Complementaridade (...) ao trabalho desenvolvido em sala de aula ou noutros contextos educativos.

O primeiro destes eixos requer um estreito trabalho colaborativo que pode compreender a planificação conjunta de atividades, a definição de estratégias e materiais adequados, entre outros, que promovam a aprendizagem e a participação no contexto da turma de pertença dos alunos.

Compreende também dimensões mais específicas como a colaboração na definição das adaptações curriculares significativas, na organização do processo de transição para a vida pós-escolar, no desenvolvimento de metodologias e estratégias de ensino estruturado, bem como no desenvolvimento de competências de autonomia pessoal e social.

O suporte aos profissionais da escola assume também uma enorme importância. Por vezes, uma informação que parece irrelevante pode fazer toda a diferença.”(DGE, 2018)

### 3.3.4. ESTRUTURAS DE APOIO SISTÉMICO

A forte evidência dos contributos de um trabalho em equipa, em que todos os elementos têm um objetivo comum e dominam os instrumentos estruturantes, é determinante para o sucesso da Educação Inclusiva.

Uma **equipa multidisciplinar** de apoio à Educação Inclusiva, de composição diversificada, constitui um recurso organizacional específico de apoio à aprendizagem. À equipa multidisciplinar cabe um conjunto de atribuições e competências de **apoio à operacionalização da Educação Inclusiva**:

por um lado, propor o apoio à sua implementação e respetivo **acompanhamento e monitorização** da eficácia das medidas de suporte à aprendizagem;

por outro lado, cabe-lhe **o aconselhamento dos docentes** na implementação de práticas pedagógicas inclusivas, o acompanhamento do centro de apoio à aprendizagem e a **sensibilização da comunidade educativa** para a Educação Inclusiva, através de ações diversas.

Esta equipa multidisciplinar pode funcionar como o **núcleo de um sistema articulado de trabalho em rede entre diferentes parceiros**, sejam eles da área da educação ou da saúde.

Esta equipa tem também

um papel na sensibilização para a Educação Inclusiva assegurando que a escola adota uma visão estratégica, missão, princípios e valores orientados para a inclusão. A dinamização de espaços de reflexão e formação, envolvendo toda a comunidade educativa, assim como a identificação de práticas coerentes e fundamentadas já desenvolvidas pelas equipas pedagógicas da escola podem constituir-se como meio potenciador de práticas inclusivas. (DGE, 2018).

### 3.3.5. COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

Nas Comunidades de Aprendizagem Profissional (PLC: Professional Learning Communities) é sugerido um quadro de competências para a inclusão, que convida professores e outros profissionais a:

- Discutir e ilustrar o significado da inclusão, os valores subjacentes à inclusão e as competências necessárias para decretar e sustentar uma Educação Inclusiva
- Partilhar práticas e competências
- Mapear o desenvolvimento de equipas para a inclusão.

O objetivo é elevar a aprendizagem profissional para além da formação, **capacitar o pessoal escolar para o ensino inclusivo**, adotar uma perspetiva de toda a escola e desenvolver uma visão profissional para a inclusão.

As comunidades de aprendizagem profissional inclusiva podem sensibilizar para os "vícios" da escolarização, isto é, as estruturas e mecanismos estabelecidos do sistema que tendem a reproduzir as desigualdades. A partir daí, professores e outros profissionais podem começar a redefinir estruturas e formas de colaboração, livres do que anteriormente era considerado impossível.

Constituir ou integrar comunidades de aprendizagem profissional para a inclusão que integrem, por exemplo, grupos de trabalho escolares, para além do pessoal escolar — referimo-nos a professores universitários disponíveis para formar e conceber programas de pós-graduação, a associações de pais/familiares e outros/prestadores de serviços comunitários locais — tem-se revelado uma boa prática, segundo a Agência Europeia para as Necessidades Especiais e

#### POR EXEMPLO

*A equipa multidisciplinar de apoio à Educação Inclusiva pode solicitar a colaboração da equipa de saúde escolar, sempre que necessário, com o objetivo de construir uma abordagem participada, integrada e eficaz.*



Educação Inclusiva. Esta desenvolveu inclusivamente o [projeto TPL4I](#) - *Teacher Professional Learning for Inclusion* que se propõe a explorar aspetos chave da formação de professores e como **os professores podem ser efetivamente preparados para incluir todos os alunos**. A Agência pretende incluir todos os seus países membros no projeto, explorando as políticas nacionais de aprendizagem profissional de professores para inclusão.



[INCLUD-ED](#) é também um projeto de pesquisa, coordenado pelo Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades (CREA) da Universidade de Barcelona, para **identificar atuações de êxito que contribuem para superar o fracasso e a evasão escolar**, bem como superar o risco associado de exclusão em outras áreas como emprego, saúde, habitação e participação política. Um dos Exemplos de Atuação Executiva de Êxito foram as Comunidades de Aprendizagem criadas, que ajudam a alcançar o objetivo de êxito escolar para todos os alunos.





### 3.3. A PARCERIA ESTRATÉGICA: ESCOLA – COMUNIDADE – FAMÍLIAS

Uma Educação Inclusiva é, na sua essência, um espaço plural não só na aprendizagem mas também na recolha, consideração e implementação de contributos de todos os atores. Sem criar comunidades disponíveis para a efetiva escuta do outro não será possível refundar a escola para o século XXI, (...) repensar as motivações, as estratégias, a missão e finalidades da escola numa sociedade tecnológica, desigual, complexa. É necessário criar uma escola que seja uma comunidade participativa na aprendizagem, isto é, em que todas as pessoas, incluindo aquelas que tradicionalmente têm menos poder (alunos, pais de menor condição social, pessoal auxiliar, etc) são ouvidas e a sua opinião considerada para as decisões que afetam a instituição. (Rodrigues, 2018)



Para que esta parceria estratégica se edifique, a abertura de canais de expressão, diálogo, negociação, participação, decisão, de acompanhamento dos processos educativos é fundamental.

Segundo RODRIGUES (2018)

"(...) trabalhar a educação e a inclusão é assumir a lógica da possibilidade e não a lógica da certeza. E pensar quais as possibilidades que o trabalho colaborativo, a voz dos alunos, a inovação de estratégias, as novas abordagens de gestão do currículo, uma diferente organização da escola, uma relação diferente da escola com a família e a comunidade, enfim... Este caminho não é para trilhar sozinho. Mas quem está ao nosso lado nesta incerteza, nesta imperfeição? Estarão, certamente, todos os que queiram, todos os que conseguimos cativar para aproveitar o que temos e para levantar a voz a reivindicar o que nos é essencial para caminhar para uma imperfeição melhor. "

A função da Educação Inclusiva é pois a de levar o sistema educativo a criar valores e modelos de intervenção que conduzam toda a comunidade escolar a apropriar-se de instrumentos que permitam a todos a participação e o sentido de pertença a diferentes comunidades em efetivas condições de equidade.

Os professores, pais, comunidades, autoridades escolares, orientadores curriculares, escolas de formação de educadores e empresários na área da educação são alguns dos atores que podem funcionar como recursos valiosos no apoio à inclusão. Alguns deles (professores, pais e comunidades) são muito mais do que um recurso valioso; eles são

*Com o intuito de conhecer as várias perspectivas sobre a Inclusão em Portugal, no âmbito deste projeto foram realizados alguns Focus Group cujas conclusões apresentamos no Anexo 2 deste módulo.*

os elementos-chave para apoiar todos os aspetos do processo de inclusão. Isto implica o desejo de aceitar e promover a diversidade e tomar uma parte ativa na vida dos alunos, tanto dentro como fora da escola. O melhor local de aprendizagem para a inclusão depende largamente do relacionamento entre os professores, os pais, os outros alunos e a sociedade. **Idealmente, a verdadeira inclusão deve ser implementada tanto na escola como na sociedade em geral.**

"Contudo, só muito raramente existe essa simbiose entre a escola e a sociedade. Por isso, é ao professor do ensino regular que cabe a maior responsabilidade pelos alunos e pela sua aprendizagem no dia-a-dia. (...) Seja qual for o sucesso com que a criança é ensinada na escola, a participação da família, e nalguns casos da comunidade, é considerada indispensável se se pretende assegurar que aquilo que a criança aprende na escola é aplicado em casa e noutros locais onde decorre a sua vida diária. Os membros da família e da comunidade podem ser recursos importantes – se informados, estimulados, responsabilizados e preparados de forma efetiva". (UNESCO, 2005)



Pela bibliografia disponível nesta matéria pode-se aferir que, nesta matéria, os países desenvolvidos muito têm a aprender com os menos desenvolvidos. Através da iniciativa *Escolas Inclusivas e Programas de Apoio da Comunidade*, UNESCO é possível conhecer vários exemplos práticos de como países com menos recursos conseguiram uma efetiva Educação Inclusiva através do envolvimento da comunidade na remoção de barreiras e trabalho cooperativo.

[Ann Turnbull \(2020\)](#) e seus colegas nos Estados Unidos **definiram parcerias familiares e profissionais** como: "Relacionamentos em que famílias e professores são aliados confiáveis e compartilham seus conhecimentos e recursos uns com os outros".

**Se as parcerias são tão importantes, o que precisa acontecer para que as parcerias funcionem?** Para apoiar o trabalho e reflexão sobre parcerias, Turnbull e seus colegas desenvolveram princípios de parceria.

Há seis princípios fundamentais no desenvolvimento das parcerias, **sendo a confiança a pedra angular** que conecta todos estes princípios:

### 1. COMUNICAÇÃO

Comunique-se abertamente e honestamente com as famílias num ambiente que seja confortável para elas. Alguns exemplos de como você pode fazer isso é verificar com as famílias como elas querem receber mensagens suas sobre seus filhos. Eles preferem telefonemas, e-mails, cartas, mensagens de texto ou conversas presenciais?

Tente não se comunicar com as famílias apenas quando tem más notícias sobre o aluno. Isso pode fazer com que eles tenham ou evitem se conectar com você. Considere como também pode comunicar de forma rápida e fácil mensagens positivas, pontos fortes e sucessos do aluno para a família.

### 2. RESPEITO

Trate as famílias com dignidade e aceitação. Considere como pode criar um ambiente respeitoso para as famílias. Pense no conteúdo que apresenta ou nas atividades que realiza na sala de aula. Como pode estruturá-los para honrar e incluir estudantes de diferentes origens, por exemplo?

Tente ajudar as famílias a ver os pontos fortes únicos dos alunos, em vez de apenas se concentrar nos défices.

Também com respeito, tente reconhecer que as famílias podem viver muitas circunstâncias que pode nem saber ou entender. Ex: Não suponha que as famílias menos envolvidas não se importam com a educação de seus alunos. Talvez eles não possam tirar o tempo fora do trabalho, eles não podem pagar os mesmos materiais que as outras famílias, ou eles simplesmente não sabem o que eles poderiam fazer para se envolver mais.

### 3. IGUALDADE

Para praticar a igualdade com as famílias tente reconhecê-las como um membro da equipa que trabalha para os resultados dos alunos.

Partilhe o poder e trabalhe em conjunto. Muitas vezes, pode sentir que há uma certa hierarquia entre professores e famílias com professores que possuem o poder relacionado com a educação da criança.

Ao comunicar com as famílias, valorize as suas opiniões e reconheça-as como especialistas sobre seu próprio filho. É importante valorizar a família como uma instância socializadora com conhecimentos ou ideias que podem complementar a sua própria experiência como educador.

### 4. COMPETÊNCIA

Certifique-se de que é altamente qualificado na sua área. Continue a aprender, a crescer e a ter altas expectativas.

Seja um aprendiz ao longo da vida.

Certifique-se de que tem as habilidades necessárias para educar o aluno.

Se houver habilidades específicas que ainda não possui, como conhecimento sobre certas tecnologias assistidas, tente obter mais formação ou abordar especialistas que possam ajudá-lo.

### 5. DEFESA DE DIREITOS

Para praticar “advocacia” com as famílias, foque-se em chegar à melhor solução para o aluno.

Às vezes, a família pode sentir-se como se estivesse sozinha em defender o melhor interesse do aluno e, muitas vezes, é uma lufada de ar fresco para um educador ir além e expressar as suas opiniões sobre qual é a melhor solução para os alunos.

### 6. COMPROMISSO

Esteja disponível e seja consistente. Para construir uma parceria de confiança com as famílias, precisa demonstrar que está comprometido com elas. Mostrar às famílias que está plenamente presente para elas e para os seus filhos terá um efeito duradouro em todos os envolvidos.

Evite tentar fazer com que as famílias diminuam as suas expectativas para com os seus filhos ou sejam realistas sobre o que seus filhos podem ou não fazer.

Em vez disso, encoraje as famílias a imaginar as possibilidades e, em seguida, esforçarem-se para ser criativos no desenvolvimento conjunto de soluções ou caminhos para realizar essas expectativas.

Um adequado envolvimento parental constitui um preditor do sucesso escolar dos seus educandos, em especial na melhoria das competências sociais e do comportamento. Apresenta-se de seguida um Quadro para análise da participação das famílias e da comunidade traduzido e adaptado de *Estratégias para a inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. INCLUD-ED. Universidade de Barcelona* para o Manual de Apoio à prática - Para uma Educação Inclusiva (DGE, 2018).

PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS E DA COMUNIDADE	
MENOR probabilidade de conseguir êxito escolar e participação das famílias:	MAIOR probabilidade de conseguir êxito escolar e participação das famílias:
<ul style="list-style-type: none"> <li>Os pais são informados sobre as atividades escolares, o funcionamento da escola e as decisões já tomadas.</li> <li>Os pais não participam nas decisões escolares.</li> <li>As reuniões com os pais consistem em informar as famílias a respeito dessas decisões.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Membros da comunidade participam nos processos de tomada de decisão.</li> <li>Famílias e membros da comunidade monitorizam a prestação de contas da escola em relação aos resultados educativos.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Os pais têm um impacto limitado sobre a tomada de decisão.</li> <li>A participação baseia-se em consultas com as famílias.</li> <li>Participam através das entidades estatutárias da escola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Famílias e membros da comunidade participam nos processos de aprendizagem dos alunos.</li> <li>Famílias e membros da comunidade participam na avaliação de programas e currículo.</li> <li>Famílias e membros da comunidade participam nas atividades de aprendizagem dos alunos.</li> <li>Famílias e membros da comunidade participam nos programas educativos.</li> </ul>

Por fim, apresenta-se uma lista de verificação, traduzida e adaptada de Booth e Ainscow (2002) pela DGE para a elaboração do Manual de Apoio à Prática – Para uma Educação Inclusiva (2018), que pretende constituir um suporte à reflexão e à avaliação, por parte da escola, no que respeita à existência de uma cultura de envolvimento:

LISTA DE VERIFICAÇÃO	
Os pais estão bem informados sobre as políticas e práticas da escola?	<input type="checkbox"/>
Os pais conhecem as prioridades do projeto educativo da escola?	<input type="checkbox"/>
Os pais têm oportunidade de participar nas decisões tomadas sobre a escola?	<input type="checkbox"/>
As dificuldades e receios que alguns pais têm no contacto com a escola e reuniões com professores são reconhecidos e tomadas medidas para os superar?	<input type="checkbox"/>
Existem diferentes possibilidades de pais se envolverem no trabalho da escola?	<input type="checkbox"/>
Existem oportunidades diversificadas para que os pais possam discutir os progressos e preocupações a respeito dos seus filhos?	<input type="checkbox"/>
As diferentes contribuições que os pais podem oferecer à escola são igualmente valorizadas?	<input type="checkbox"/>
Os professores valorizam o conhecimento que os pais têm sobre os seus filhos?	<input type="checkbox"/>
Os professores encorajam o envolvimento de todos os pais na aprendizagem dos seus filhos?	<input type="checkbox"/>
Os pais sentem que as suas preocupações são realmente consideradas pela escola?	<input type="checkbox"/>

## ANEXO 1

### EXEMPLO DE DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO E VALORES INCLUSIVOS

#### NA NOSSA ESCOLA:

- Queremos que todos sejam tratados com imparcialidade e sintam-se parte de nossa comunidade.
- Cuidamos das crianças e adultos na escola.
- Gostamos de descobrir coisas sobre nós mesmos, no que temos em comum e no que diferimos.
- Sabemos que estamos ligados aos outros no mundo através do comércio e porque compartilhamos um planeta.
- Preocupamo-nos quando as pessoas passam fome, sofrem de doenças e pobreza.
- “Aprendemos uns com os outros e compartilhamos nossos conhecimentos.
- Relacionamos o que aprendemos em casa e na escola.
- Nós resolvemos problemas ouvindo-nos uns aos outros e encontrando soluções juntos. Falamos com franqueza quando vemos que alguma coisa está errada.
- Celebramos todas as diferentes plantas e animais do mundo.
- Tentamos economizar energia e evitar desperdício.
- Ajudamos a tornar nossa escola e o mundo lugares melhores onde viver.



## ANEXO 2

### RESULTADO DOS FOCUS GROUP

Foram discutidas 6 dimensões:

1. Conceito de “Inclusão”.
2. Desafios à prática de uma Educação Inclusiva em Portugal.
3. O que é fundamental para uma Educação Inclusiva?
4. O que realmente falta para alcançar uma Educação Inclusiva?
5. O que falta para a escola estar preparada para TODOS?



*Para Refletir:*

#### 1. CONCEITO DE “INCLUSÃO”

Verificou-se consenso quanto a tratar-se de:

- a. Conceder oportunidade de acesso à escola.
- b. Igualdade de oportunidades ao acesso a uma Educação Inclusiva de qualidade.

Contudo não há igualdade no uso das ferramentas disponibilizadas pela escola. Resposta e ação (como se avalia, como se intervém com o aluno) em contexto sala de aula, que é diferente, não só por parte do professor, mas também pelos alunos.

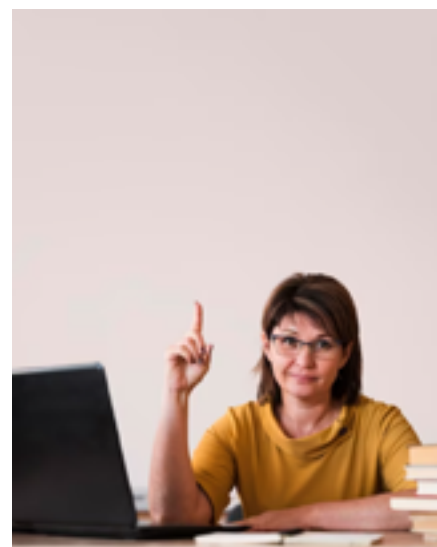
- c. Respeitar a diversidade presente no ambiente escolar.
- d. Ideia de que “Todos têm o direito”, de estar com as melhores condições, por forma a alcançar o sucesso!

*“Será que para muitos pais, o facto de as crianças terem acesso à escola não é já um sucesso, uma vitória?”*

#### 2. DESAFIOS NA PRÁTICA DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Destacaram-se as seguintes barreiras à implementação de uma Educação Inclusiva:

- a. Ausência de empatia (não só por parte do “eu” profissional, mas também por parte do “eu” pessoal).
- b. Ausência de preparação por parte dos docentes e demais comunidade escolar (mencionado e abordado no módulo 1 deste manual).
- c. Disponibilidade para a mudança, por parte dos adultos.
- d. Dificuldade colaborativa entre os docentes (Módulo 4 deste manual).



- e. Resistência, por parte dos docentes em expor o seu trabalho por receio de expor as práticas educativas, bem como da avaliação.
- f. Ausência de informação e partilha entre os professores titulares e os professores do ensino especial.
- g. Desconhecimento por parte dos professores de recursos e estratégias a utilizar em contexto sala de aula, bem como a ausência de recursos monetários.



*Para Refletir:*

### 3. O QUE É FUNDAMENTAL PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

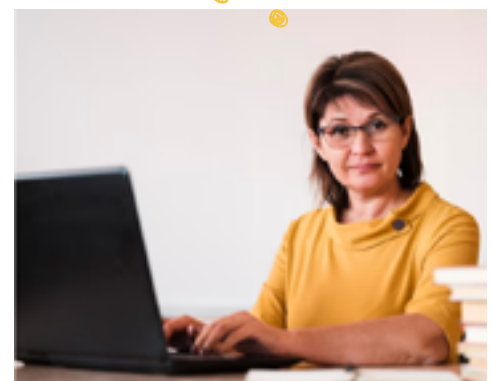
- a. A remoção de barreiras no seu máximo, isto é, qualquer impedimento ao sucesso escolar do aluno, por exemplo a não atenção por parte das equipas às necessidades do aluno (Módulo 1).
- b. A corresponsabilização, como estratégia para remover estas barreiras.
- c. Escuta ativa e atenta dos professores para perceberem as reais necessidades dos seus alunos, o que estes almejam.
- d. Trabalho colaborativo entre os pais/ encarregados de educação e a própria escola, como um aspeto essencial para uma prática inclusiva (Módulo 3 deste manual).
- e. Responsabilização de todas as partes envolvidas no processo de educação, bem como a necessidade de partilha de informação, não só entre a comunidade docente, mas também entre a própria escola e os Wpais/ encarregados de educação (Módulo 3 deste manual).
- f. Necessidade de clarificar a definição dos conceitos para todos, uma vez que a prática só muda com o domínio dos mesmos.
- g. Conhecimento sobre a diversidade de alunos presentes em ambiente sala de aula.
- h. Não recear abordar as questões da diversidade e da inclusão em contexto sala de aula.
- i. Conhecer bem as necessidades do aluno e procurar as respostas adequadas às suas necessidades, interesses e objetivos.



*“Será necessária mais formação? Informação?”*



*“Ou será que temos de desenvolver novas formas de informação?”*



---

#### 4. O QUE REALMENTE FALTA PARA ALCANÇAR UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

- a. Atitudes e valores (módulo 4 deste manual).
- b. Autonomia e a participação de todos.
- c. Focar mais em cada criança, dando uma resposta individualizada.



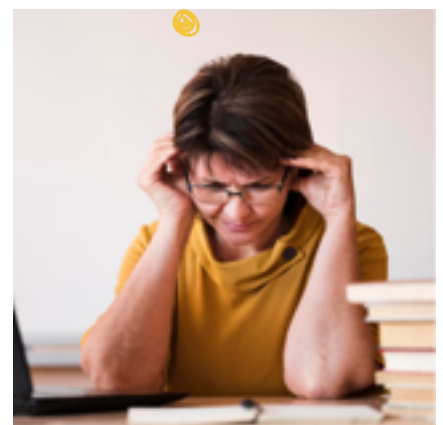
---

#### 5. O QUE FALTA PARA A ESCOLA ESTAR PREPARADA PARA TODOS?

- a. Reduzir o número de alunos por turma, por forma a promover uma maior interação entre professor e aluno.
- b. Criação de recursos (ao nível de recursos humanos, recursos materiais (acessibilidade, instrumentos de trabalho, tamanho das salas, mobiliário, etc.)
- c. Mudança de atitudes (por parte dos professores).
- d. Preparação dos professores e de toda a comunidade escolar para a diversidade.
- e. Dar estrutura (organização) ao aluno, proporcionando um ambiente de bem-estar e posteriormente trabalhar a questão do currículo.
- f. Colaboração com as demais áreas do saber.
- g. Criação de salas apropriadas para todas as crianças onde possam autorregular-se.
- h. Criação de grupos de práticas numa plataforma onde os vários especialistas da área pudessem partilhar, não só as suas experiências, como também boas práticas na área da Educação Inclusiva.

**Para Refletir:**

*"Como criar espaços de partilha de saberes e práticas sem sobrecarregar mais a vida dos docentes?"*



## RECURSOS ADICIONAIS

### LEITURAS RECOMENDADAS



**Brochura INCLUD-ED:** Este documento apresenta, de modo sucinto, as principais ideias e resultados obtidos no projeto INCLUD-ED, que visava recolher evidências científicas, por forma a identificar as Atuações Educativas de Êxito (AEEs) que mostraram ter contribuído para o êxito educacional e a superação da evasão escolar.



**O papel do psicólogo na abordagem multinível em educação.** Anexos 8, 9, 10, 11 e 12 de Para uma Educação Inclusiva - Manual de Apoio à Prática, DGE, 2018.



**Together we Learn Better: Inclusive Schools Benefit All Children:** Trata-se de um recurso educativo direcionado para escolas, famílias e comunidades, cujo objetivo é promover práticas de Educação Inclusivas. Esta ferramenta tem como missão capacitar os sujeitos, não só a desenvolver, como também implementar estratégias educativas inclusivas eficazes na Escola, através, por exemplo, da partilha de conhecimentos.



**The Document Key Principles – Supporting Policy Development and Implementation for Inclusive Education (all languages):** Este documento desenvolvido pela Agência Europeia para as Necessidades Especiais e Educação Inclusiva foca-se na identificação de um conjunto de políticas, de acordo com uma visão mais ampla de inclusão nos sistemas educativos, que destacam questões cruciais para o desenvolvimento de sistemas educativos mais inclusivos.



**Projeto BEST:** Trata-se de um projeto que visa aumentar e fortalecer a capacidade das escolas, bem como da comunidade de Vermont em proporcionar as respostas adequadas às necessidades dos alunos que enfrentam desafios ao nível emocional, comportamental e social. Para tal, este projeto proporciona um conjunto de atividades (workshops, cursos universitários, webinars) a toda a comunidade.

### VÍDEOS RECOMENDADOS



**[Uma Escola para todos e cada um](#)** - Neste vídeo esclarece-se o que é a incapacidade e como é viver com algumas limitações, sejam elas físicas, intelectuais ou sensoriais. Num exercício de empatia as crianças são convidadas a refletir, sentir e compreender o que é viver com uma incapacidade e como podemos contribuir para que todos se sintam bem na Escola. Tem como principal objetivo mostrar que é possível transformar a escola num espaço verdadeiramente inclusivo, de todos e para todos.



**Vídeo Key Principles – Supporting policy development and implementation for inclusive education:** Este vídeo aborda o desenvolvimento e implementação de políticas de acordo com uma visão mais ampla da inclusão nos sistemas educativos e oportunidades educativas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CSIE-Centre for Studies in Inclusive Education (revised edition 2002). Index for Inclusion: developing learning and participation in schools Tony Booth and Mel Ainscow . CSIE web-site <http://inclusion.uwe.ac.uk/csie/indexlaunch.htm>

Cidadãos do Mundo (s.d.) Índice para a Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e participação na Escola, Tony Booth e Mel Ainscow. 2ª Edição, Versão Portuguesa, traduzida por Ana Benard da Costa e José Vaz Pinto.

DGE, 2018. Para uma Educação Inclusiva - Manual de Apoio à Prática

Koner, I., Tisdal, K., Uhlmann, S., Schmind, B., Vienna, L., Freyhoff, G., & Rígrová, D. (s.d.). Towards Inclusive Education – Examples of Good Practices og Inclusive Education . Inclusion Europe. [https://www.inclusion-europe.eu/wp-content/uploads/2019/01/Best-Practice-Education\\_EN-FINALWEB.pdf](https://www.inclusion-europe.eu/wp-content/uploads/2019/01/Best-Practice-Education_EN-FINALWEB.pdf)

Laboratório de Pesquisa, estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação -LaPEADE (2012). Índice para a Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e participação na Escola, Tony Booth e Mel Ainscow (2011). 3ª Edição, substancialmente revisada e ampliada. Tradução para o português brasileiro por Mônica Pereira dos Santos e João Batista Esteves

Nordstrom, Ricchler, Magrab, Wormnacs (2004) in EFA Global Monitoring report, The Quality Imperative, 2005

UNESCO, 2005. Orientações para a Inclusão – Garantindo o Acesso à Educação para Todos. Tradução de Maria Adelaide Alves e Dinah Mendonça: [file:///C:/Users/Ana%20Diniz/Downloads/orientacoes\\_para\\_a\\_inclusao\\_unesco2005\\_PT%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ana%20Diniz/Downloads/orientacoes_para_a_inclusao_unesco2005_PT%20(1).pdf)

Rodrigues, D. (2018). *ENSAIOS sobre Educação Inclusiva (ensaiando para estrear a peça)*. (1). Edições Pró-Inclusão.

